

# PANORAMA ECONÔMICO



MIRIAM LEITÃO

## Dobrar a aposta

O Governo deu à crise a dimensão que a crise tem. Não se enganou com os sinais de melhora do começo da semana. Trabalhou em clima de emergência, não para convencer investidores de bolsa, mas porque sabe que a hesitação é perigosa. "Não estamos apavorados, mas sabemos o risco que corremos", me disse um ministro. E é neste clima que foram preparados os cortes nos gastos. Estudou os erros da Ásia, para evitá-los.

A imprensa estrangeira tem sido muito crítica em relação aos países asiáticos porque considera que eles têm evitado os remédios amargos. "A Ásia pode ser uma nova zona morta na economia global? Sem mudanças radicais, sim", avisou a "Business Week" na semana passada. "Da Coréia do Sul à Malásia, os políticos e empresários apostaram seu prestígio na idéia de que poderiam garantir crescimento econômico sem fim", completou.

E é exatamente nisto que o Brasil quer se diferenciar: quer mostrar que aceita sim tomar purgantes como juros altos e cortes nos gastos.

Mas existem outras comparações que nos favorecem. Três meses depois de receber recursos do FMI, a Tailândia ainda não conseguiu produzir um plano detalhado de recuperação. Afundou-se na crise de governabilidade: o rei está no hospital, o primeiro ministro renunciou e as duas mais importantes facções políticas brigam pelo poder. Na Coréia, os grandes conglomerados empresariais também resistem a qualquer programa de ajuste. Na vizinha do Norte, a quem a Coréia do Sul está inevitavelmente ligada, os métodos de eliminar indesejáveis são ainda exóticos: o ministro da Agricultura foi executado. Na China, os quatro maiores bancos estão com uma inadimplência, *non performing loans*, de US\$ 90 bilhões.

Enquanto a Ásia na década de 80 vivia o seu momento de glória, a América Latina suportava humilhações. Poupada da dívida e da hiperinflação, a Ásia parecia terreno seguro perto do movediço ambiente da América Latina. Enquanto eles fabricavam suas máquinas exportadoras, nós construímos instituições democráticas. Hoje a democracia significa previsibilidade, um insumo econômico precioso.

Outras amarguras vividas reforçam nossas chances. Um país que viu seis planos de es-

tabilização fracassarem por imperícia técnica, tibieza do executivo ou concessões políticas aprendeu que estabilizar não é tarefa trivial. Para preservar o plano é preciso, em momentos de risco, dobrar a aposta.

Antônio Barros de Castro disse a Lillian Wite Fibe, na Globonews, que o problema do Plano Real é que "três anos depois ele ainda precisa ser salvo". Um equívoco do professor. A construção da estabilização, depois de duas décadas de superinflação, será lenta sim. O trabalho, talvez, de uma geração.

Estivesse tomado pela Síndrome de Carajás — aquela que impediu que fossem adotadas medidas impopulares antes das eleições de 86 — e o Governo iria encontrar uma forma de conviver com a crise. De contorná-la. Afinal, os números da inflação são esplêndidos.

Não são usados como medida de sucesso. O Governo preferiu admitir os riscos, adotar juros brutais, agora prepara cortes vigorosos nos gastos. Juros e cortes são medidas contracionistas. A onze meses das eleições, o Governo parece disposto a ameaçar o crescimento econômico e o emprego. A dobrar a aposta.

A oposição diz que esta é a armadilha na qual o Governo entrou por opção do modelo econômico que expõe o país aos riscos da globalização. Nunca estivemos numa redoma, mesmo quando o país era uma fortaleza tarifária e xenófoba. Os países árabes aumentaram os preços do petróleo em 74 e nós tivemos que encerrar o milagre econômico. Paul Volker subiu os juros americanos em 79 e passamos por uma devastação.

Dado que o mundo sempre foi global, o melhor a fazer é mesmo adotar medidas consistentes, mesmo que dolorosas. Tomara que as decisões a serem anunciadas confirmem o que o Governo prometeu.